

CARTOGRAFIA DOS LUGARES DE RESISTÊNCIAS DOS MODOS DE FAZER DA REDE DE DORMIR: REDEIRAS DE VÁRZEA GRANDE (MT) — BRASIL

LAURENICE LOPES DE SOUZA*

NADIR F. B. BITTENCOURT**

ZULEIKA ALVES DE ARRUDA***

Resumo: A rede de dormir é um tipo de leito herdado do saber/fazer dos indígenas, originalmente tecida da fibra da palmeira tucum e buriti, cipós e algodão, de formato retangular e suspenso por duas extremidades por meio de punhos. A historiografia regista que foram as mulheres dos colonos portugueses que adaptaram a técnica indígena por meio da substituição das fibras vegetais pelo algodão, assim como incorporaram varandas (guarnições laterais da rede) e franjas ornamentais nas redes. Em Mato Grosso, a tradicional arte de tecer rede de dormir é evidenciada nos municípios que pertencem ao Vale do Rio Cuiabá, nas comunidades rurais do município de Várzea Grande. As redes produzidas se diferenciam da produção de outras redes e tecidos artesanais pela urdidura realizada em teares verticais, com tecedura de baixo para cima e pelo tecido grosso resultante da trama, um legado da etnia Guaná. O presente trabalho objetiva cartografar os lugares de resistências, as (re)significações do modo de saber/fazer da Rede Cuiabana e os entraves enfrentados pelas artesãs para a comercialização do produto.

Palavras-chave: rede de dormir; saber/fazer; resistência; (re)significação.

Abstract: The sleep hammock is a type of hanging bed whose knowledge is part of the indigenous cultural heritage in Brazil. Originally these artifacts were made by weaving vegetal fibers as palm trees and cotton and were rectangular shaped objects. The Brazilian historiography also registers that the Portuguese wives were responsible for adapting the indigenous weaving technology by replacing the palm trees fibers by cotton fibers and introduced the macramé hangings (varandas) in the hammocks sides and decorative fringes as well. In Mato Grosso State the art still resists in several communities placed around Cuiabá River valley in

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso — Campus Cuiabá/Curso de Turismo Bacharelado. Email: lopes.laurenice@gmail.com.

** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso — Campus Cuiabá/NPGA. Email: nadir.bittencourt@cba.ifmt.edu.br.

*** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso — Campus Cuiabá/NPGA. Email: zuleika.arruda@cba.ifmt.edu.br.

Mato Grosso State. However, this practice is more intensive in some communities located in the rural area of Varzea Grande municipality due to their extraordinary artistic beauty. This research aims to map the communities where hammocks artisans are still resisting and commercialization.

Keywords: sleep hammock; traditional knowledge; resistin.

INTRODUÇÃO

A rede de dormir é um tipo de leito herdado do saber/fazer dos indígenas, originalmente tecida da fibra de palmáceas e algodão, de formato retangular e suspenso por duas extremidades por meio de punhos. A historiografia registra que foram as mulheres dos colonos portugueses que adaptaram a técnica indígena por meio da substituição das fibras do tucum pelo algodão, assim como incorporaram varandas (guarnições laterais da rede) e franjas ornamentais nas redes.

Esse tipo de leito somente passou a ser denominado de rede quando os portugueses adentraram o território brasileiro no ano de 1500. O escrivão Pero Vaz de Caminha, ao descrever os hábitos e costumes indígenas para o Rei Dom Manuel, a nomina rede em referência à rede de pescar portuguesa, no dia 27 de abril, sem ao menos considerar que a mesma pudesse ter outra denominação. Segundo Holanda¹ «esses leitos maneáveis e portáteis constituíram objeto de ativo intercâmbio com os naturais da terra», bem como foi amplamente incorporado no cotidiano dos recém-chegados por meio da prática do costume de dormir em rede.

Em Mato Grosso, os disseminadores da rede foram os bandeirantes paulistas que as carregavam em suas incursões para o interior da capitania mato-grossense no final do século XVII nos apresamentos indígenas e a partir do século XVIII, durante o ciclo mineiro. A situação de isolamento geográfico nesse período contribuiu para a produção de uma rede singela e sem muitos adornos².

Peça utilitária fundamental em todo o período colonial, «o leito da terra» foi usado até a primeira metade do XIX por administradores da coroa portuguesa, padres, comerciantes, senhores de terra, bandeirantes, colonos, caboclos e viajantes. No caso de Mato Grosso, essa utilidade transcorre até a segunda metade do século XX. Com efeito, o cônego Vicenzi em visita à Cuiabá, no início de 1920, segundo Leonzo³ observa que não existia o uso da cama como leito por estes ermos. E, que o autor ao descrever o cotidiano da cidade, pondera «as casas estavam aparelhadas para abrigar, se necessário, diversas redes armadas, havendo, particularmente em Cuiabá e em Poconé, uma espécie de indústria desses objetos destinados ao repouso».

¹ HOLANDA, 2008.

² HOLANDA, 2008.

³ LEONZO, 2004.

Nesse período, até o final da primeira metade do século XX, as artesãs dominavam todo o processo produtivo, desde as etapas do plantio do algodão, passando ao descaroçamento, cardamento, fiamento, tingimento, enovelamento e, por fim, a própria confecção da rede. Toda essa tecnologia resultou num modo de produção singular em que o tecido artesanal se destacava pela sua firmeza e espessura, característica resultante do tipo particular da trama sem avesso que era urdida em tear vertical, com techedura de baixo para cima.

Signo da artesanania mato-grossense, a rede de dormir cuiabana é confeccionada em uma trama firme e um tipo de bordado denominado de lavrada. A memória coletiva do modo de saber/fazer da Rede Cuiabana é um legado da etnia Guaná em seu processo de reterritorialização, por volta da primeira metade do século XIX, na margem direita do rio Cuiabá, em frente ao atual bairro do Porto⁴. A territorialidade desse saber/fazer encontra-se nos municípios que pertencem ao Vale do Rio Cuiabá, mas são nas comunidades rurais do município de Várzea Grande e principalmente na comunidade de Limpo Grande que a rede conquista o mercado regional pela sua beleza artística.

O presente trabalho objetiva cartografar os lugares de resistências, as (re)significações do modo de saber/fazer da Rede Cuiabana e os entraves enfrentados pelas artesãs para a comercialização do produto.

TECENDO OS CAMINHOS, A TERRITORIALIDADE E AS URDIDURAS DA REDE CUIABANA: O SABER/FAZER

No imaginário coletivo das comunidades tradicionais e ribeirinhas do Vale do Rio Cuiabá e, fortemente propalado no município de Várzea Grande, a Rede Cuiabana é de origem da etnia Chané-Guaná de língua Aruak. Cujo território imemorial era o Chaco Paraguai, migrando no século XVIII, para as margens do rio Paraguai e, por volta de 1819 migraram novamente, em processo de (re)territorialização, em aldeamento voluntário, para a margem direita do rio Cuiabá, atualmente município de Várzea Grande. Silva⁵ analisa o encantamento do desenhista Hercule Florence da Expedição Langsdorff em relação às redes durante sua passagem por Cuiabá em 1827. Sua obra registra esse saber/fazer de forma detalhada, destacando a originalidade da arte e trama do tecido da rede e dos «panões» produzidos pelas mulheres guanás, que utilizavam quadrados e régua de madeira e empregavam uma técnica única e singular de unir até 1000 fios verticais, tramados inteiramente na horizontal, formando uma trama fechada. O tecido poderia ser tingido utilizando-se pigmentos minerais e vegetais. Observa ainda o autor que as técnicas e os utensílios das mulheres guanás eram os mesmos empregados pelas mulheres cuiabanas para tecer as redes de dormir.

⁴ SILVA, 2001.

⁵ SILVA, 2001.

A Rede Cuiabana, confeccionada em algodão natural, era produzida em dois tipos: a lisa feita de algodão cru na cor natural e sem adornos, e a listrada, que também era confeccionada a partir de algodão cru, porém tingida com folhas, raízes, cascas de plantas locais, como as folhas da negramina e as cascas do chico magro, que eram amplamente utilizadas para tingir o tecido tramado. Estes eram os tipos mais comuns, produzidos para o uso doméstico dos menos abastados.

A partir do acesso aos modelos de linhas industrializadas, na segunda metade do século XX, as artesãs passam a produzir a rede lavrada, ou seja, bordada, colorida e com mais adornos. Nesse processo constata-se a ressignificação do saber/fazer da rede com a presença do uso de amostras de bordados de domínio doméstico de cada artesã e de famílias abastadas que tinham sob sua tutela redeiras/artesãs exclusivas para tecer suas redes. De acordo com as habilidades de cada redeira/artesã em manipular os bordados e monogramas, as redes eram confeccionadas como presentes (redes de presente) ou para uso familiar⁶.

Palma⁷ pondera que o *modus operandis* do uso da Rede Cuiabana também está na composição do imaginário do século XX, mais precisamente no período de poderio das famílias locais, quando a rede passa de peça utilitária para objeto de poder. Em uma semântica imagética, constitui-se em *status* sendo produzida nas cores branca e preta a serem presenteadas exclusivamente aos ilustres da terra como políticos, padres, médicos, compadres, nubentes e visitantes à cidade de Cuiabá. O mesmo se dava com a confecção de redes com desenhos tramados/bordados que traziam inscrições com o oferecimento, datas para serem lembradas, nomes entrelaçados e/ou descrições significativas, reservando-se às redeiras mais habilidosas o privilégio de tecer as redes que seriam presenteadas.

⁶ PALMA, 1996.

⁷ PALMA, 1996.



Figura 1. Redes lavradas com amostras (bordadas) permanentes e ressignificadas.
Fonte: Arruda (2018).

Parafraçando Baudrillard⁸, esse valor simbólico, agregado ao valor funcional dos objetos de consumo, possui o objetivo de acompanhar as mudanças das estruturas sociais e interpessoais premente na sociedade, ou seja, constitui um reflexo da sociedade e dos seus tempos. No caso da sociedade mato-grossense, a rede constitui um objeto imbuído de valor funcional agregado ao valor simbólico.

A TERRITORIALIDADE DO SABER FAZER DA REDE CUIABANA

A territorialidade da Rede Cuiabana encontra-se nos municípios que pertencem ao Vale do rio Cuiabá, mais precisamente nas comunidades de Várzea Grande. Nessas comunidades foi construída uma teia de relações de poder, primeiro por meio da reterritorialidade dos guanás, segundo por ocupar determinados territórios especializados na produção da rede cuiabana e terceiro pelo compartilhamento de saberes de sua cultura material e imaterial, além de estar manifestada nas relações cotidianas de trabalho e casamento entre a população tradicional. A comunidade de Limpo Grande, na atualidade, é a representante da resistência desse saber.

A comunidade rural de Limpo Grande, reduto das redeiras, pertence ao município de Várzea Grande, a 23 km do seu centro urbano. O acesso se dá pela Rodovia dos Imigrantes no km 517. Dentro da jurisdição do município de Várzea Grande, a comunidade de Limpo Grande pertence ao distrito de Capão Grande, antiga sesmaria do Capão do Pequi.

⁸ BAUDRILLARD, 2000.

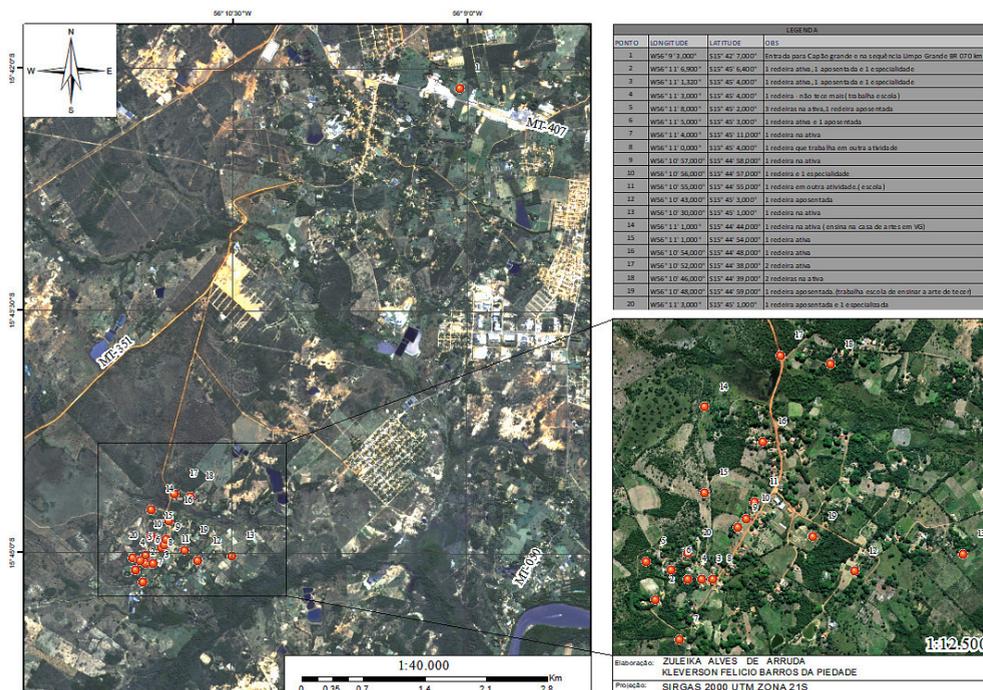


Figura 2. Cartografia das resistências das redeiras de Limpo Grande – Várzea Grande MT. Fonte: Arruda (2018).

Limpo Grande se constituiu por volta de 1946 e, dois anos após o surgimento, foi incorporado ao município de Várzea Grande. Todavia, a comunidade está culturalmente mais interligada à comunidade de Ribeirão do Cocais, pois as três principais famílias formadoras de Limpo Grande derivam desse distrito. Assim, mantêm-se estreitas relações de parentescos, obrigações de compadrio e festividades em devoção aos santos(as) com os antigos moradores de Ribeirão dos Cocais no município de Nossa Senhora do Livramento.

A prática cultural de fazer a rede, de baixo para cima e sentada no chão junto ao tear, se faz presente no cotidiano e na paisagem cultural da comunidade de Limpo Grande, onde uma parentela e ou comadres se organizavam e ainda se organizam para confeccionar redes, xales, tapetes ou caminhos de mesa.



Figura 3. Artesã tecendo sentada junto ao tear vertical e produção de jogo de mesa, tapetes e xales.
Fonte: Souza (2018).

Compondo o mobiliário da residência dessas artesãs, notadamente na sala, encontra-se o tear vertical que ocupa um lugar de destaque, juntamente com os novelos de linha e amostras, apetrechos do tear como a espichadeira, o buriti, a abrideira, as taquarinhãs de trocar os fios, a bateadeira e o puçá de fazer a varanda.

Em Limpo Grande, nas casas das artesãs/redeiras mais velhas, há sempre um nicho/oratório em devoção ao santo(a) da família, juntamente com imagens de Santa Clara e Santa Luzia, que representam as duas festas religiosas organizadas pela comunidade. Essas festas são tradições que mantêm, atual, o antigo sistema de relações parentais e de compadrio, materializado nas obrigações, organização e feitura da festa.

O universo das tecelãs está imbuído de signo, símbolo, significante e significado. Não é apenas no saber/fazer da rede que estão impressas a cultura e a identidade dessa comunidade, mas também no linguajar singular que envolve o processo produtivo. Há um vocabulário específico usado no cotidiano das artesãs como [sic]: enovelar, urdir, encastô, troque, lavrado, amostra, bilros, tecer de ganho, rederas, corte de fio, tecer, punho, sobrepunho, cadarcinho, travessado, canto, liço, puçá, meeiro, limpinho, guarda ou cercadeira, varanda, urdume, subideira, topinho e, os apetrechos tear, buriti, cunhas, puçá, tear, abrideira e taquarinhãs. Esse linguajar está vinculado ao modo de fazer da rede e ao cotidiano das redeiras.

A respeito do particular ato de falar, Certeau⁹ observa que esse ato se produz na fabricação do cotidiano, mas não se coadunando com as chamadas «normas da língua culta». Assim é que no cotidiano se constroem ‘performances’ de falas, imagens que

⁹ CERTEAU, 1994.

esses usuários criam ao partilharem suas experiências. E ‘essas maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais os usuários se (re)apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural.

A matriz cultural que contribui para a transferência e transmissão do saber/fazer a rede de uma geração para outra é a mesma que medeia as tramas e urdiduras desse saber/fazer. Holanda¹⁰ constatou, no ano de 1946, na paisagem cultural das comunidades produtoras da rede na região de Cuiabá/Várzea Grande, que as artesãs detinham na memória um variado número de desenhos e demonstravam uma grande perícia e exclusividade em tramar combinações das amostras. O domínio dessa habilidade era motivo de honra ou dignidade profissional, possibilitando a posição de destaque como a «melhor redeira».

Quanto a esse destaque, registra a máxima expressão que «redeira de um desenho só merece pouco caso», cabe lembrar, que essa expressão somente se adequa, naquele contexto histórico, pois na atualidade novos rearranjos produtivos surgem na confecção da rede alterando a paisagem, a dinâmica espacial e produtiva dessa comunidade.

Na realidade, o processo produtivo atual tem se configurado em uma nova divisão social do trabalho, marcado pela especialização de tarefas como: urdir, lavar, fazer punho e sobrepunho, fazer a guarnição da varanda no puçá, tear retangular onde se executa a técnica de filé e tramar determinadas amostras.



Figura 4. Composição das varandas com motivos tradicionais e (re)significados e um dos tipos de punho trançado.
Fonte: Arruda (2018).

¹⁰ HOLANDA, 2008.

Esta especialização que surge para atender à lógica de um mercado consumidor emergente, foi engendrada pelos comerciantes que financiavam a produção da rede, com a matéria-prima da linha industrializada, como estratégia para reduzir o tempo de confecção, que acabou por provocar a fragmentação do saber/fazer das artesãs.

Corroborando a lógica desse mercado emergente de outros estados consumidores da rede de dormir, o processo produtivo passou a incorporar o uso de linhas industrializadas com cores vibrantes na confecção das redes, notadamente nas matizes verdes, rosas, azuis, amarelas e lilás, e também pela presença de desenhos bordados com elementos da paisagem natural e cultural de Mato Grosso.



Figura 5. Rede com elementos da paisagem natural mato-grossense.
Fonte: Souza (2018).

Houve também a mudança dos bordados geométricos gregos existentes na guarda do meeiros (borda da rede) por flores e aves ou pela combinação dos dois elementos, como pode ser observados nas figuras 1 e 5.



Figura 6. Rede sendo tecida no tear vertical com motivos da fauna pantaneira e tapete com bordado floral.
Fonte: Souza (2018).

As artesãs/redeiras têm preferências declaradas por cores e desenhos que, no conjunto, formam um estilo particular que as identificam. São as ‘carreiras’, isto é, a composição de redeiras que tanto pode ser formada por laços de mãe e filha, nora e sogra, quanto por laços de amizade e compadrio, que marcam suas preferências estéticas e afetivas. Observa-se que essas suas relações interpessoais são construídas no processo de confecção da rede configurando-se como uma complexa rede de ambiência.

Esse universo feminino de amostras, urdiduras, teceduras, tramas, bordados e linhas coloridas, vem sendo mescladas com a presença de tessituras (estratégias) incorporadas à vida cotidiana e ao processo produtivo conferindo no espaço-tempo visibilidades e legibilidades nas relações sociais da comunidade tecelã¹¹.

Parafraseando Certeau¹², no cotidiano há sempre atores, no caso as redeiras, que seriam esses agentes produtivos que tramam urdiduras nos seus fazeres da vida cotidiana, permeando-as com reinvenções de um «cotidiano que se inventa com mil maneiras de caça não autorizada».

No processo evolutivo da rede, este objeto inicialmente era caracterizado pela sua bidimensionalidade estrutural, por ser constituído basicamente por linhas verticais (urdidura) e horizontais (trama). Enquanto permaneceu como um utensílio na função de leito de dormir e transporte, a rede expressava basicamente essa estrutura, sendo produzida apenas nas variedades lisa (cor única) ou listrada (duas cores)¹³.

¹¹ SOUZA, 2018.

¹² CERTEAU, 1994.

¹³ SOUZA, 2018.

A partir do momento que a função da rede desloca do valor utilitário cultural/simbólico para objeto decorativo/estético, novos elementos (signos) são agregados e passam a compor sua tridimensionalidade, com a urdidura (vertical), trama (horizontal) e o bordado, terceira dimensão, entremeadado na urdidura e trama do tecido, bem como as varandas que guarnecem suas bordas. Essas dimensões estéticas são corroboradas por diferentes cores e desenhos (amostras), com apelo da comunicação visual da paisagem natural do Pantanal, procurando transformá-la em um produto para o turismo. Mesmo com a inserção desses novos motivos, ainda não houve o esperado retorno financeiro para as artesãs/redeiras de Limpo Grande na comercialização, venda mais célere, e visibilidade de produção de uma arte singular e ímpar do artesanato brasileiro¹⁴. A identificação e a identidade da comunidade de Limpo Grande estão vinculadas ao saber/fazer da rede cuiabana, uma vez que essa comunidade passa a ser reconhecida e identificada como o lugar de produção da rede. Se foram as mulheres guanás que ensinaram as mulheres de Limpo Grande a tecer ou se esse saber fazer vem de outra fonte não importa, pois a matriz cultural guaná permanece como referência simbólica da identidade da rede que se tece em Limpo Grande.

O SABER/FAZER DAS REDEIRAS: RESISTÊNCIA E ENTRAVES PRODUTIVOS

O saber/fazer da Rede Cuiabana perdura há algumas gerações. Até meados da segunda metade do século XX, as artesãs dominavam todo o processo de produção da rede, que consistia em plantar e cultivar o algodão, bem como descaroçar, cardar, enovelar e tingir o fio. A matéria-prima utilizada pelas artesãs, após o advento da linha industrializada, é adquirida nos comércios especializados existentes em Cuiabá e Várzea Grande.

No processo de produção da rede, os entraves atuais estão relacionados à dificuldade de aquisição da linha industrializada, que é a matéria-prima desse artesanato, e à comercialização final dos produtos. O alto custo da linha industrializada necessária à produção de redes de alta qualidade e de preço final elevado acaba diminuindo a renda das redeiras, o que compromete a sobrevivência do artesanato.

Tabela 1. Resistências e resiliência das redeiras em Limpo Grande – VG 2018.

Ativas	Aposentadas	Ensina a arte	Concilia a arte com outra atividade	Especialista em partes da rede	Total
23	07	02	08	09	49
Número de redeiras resistentes no ano de 2005					80

¹⁴ SOUZA, 2018.

O quadro social atual da comunidade de redeiras de Limpo Grande está resumido na Tabela 1. Nos levantamentos de campo foram encontradas 49 artesãs em atividade, um número que representa 60% do encontrado por Campo¹⁵, indicando uma tendência de decréscimo. Por outro lado, o levantamento também indicou que cerca de metade delas (23) dedica-se exclusivamente à tecelagem. Quanto ao ensino da arte, foi encontrada uma artesã que ensina na Casa de Artes e Ateliê de Várzea Grande e outra que ensina na escola municipal da comunidade de Limpo Grande, para o público infantil, num caráter mais recreativo.

Portanto, o aprendizado mais importante acontece de forma tradicional no âmbito da família. O levantamento detetou também que algumas artesãs conciliam a tecelagem com trabalho informal em outras atividades, principalmente como diaristas. Portanto, no conjunto, percebe-se um quadro bastante precário para a manutenção dessa arte, que só existe graças à capacidade das artesãs em sobreviver conciliando seus saberes especializados com o meio envolvente.

Além disso, o baixo poder aquisitivo da maioria das redeiras gerou uma relação assimétrica entre esse grupo social e as lojas especializadas na comercialização da linha industrializada. Primeiramente, as redeiras não dispõem de recursos excedentes para a aquisição da matéria-prima, além disso as artesãs mais jovens, destituídas das estratégias de reprodução social, passaram a se empregar como trabalhadoras assalariadas em outras atividades econômicas, desistindo de dar continuidade ao saber/fazer da Rede Cuiabana.

A falta de ações e projetos que propiciem alternativas para a manutenção da atividade, pelos órgãos institucionais do município de Várzea Grande e Secretaria de Cultura e Turismo do Estado de Mato Grosso, é explicado por Canclini¹⁶ como tradicionalismo substancialista, onde pequenas intervenções de garantia de preservação das práticas tradicionais são simuladas em cumplicidade social pelos setores oligárquicos locais. Precisamente, como prestígio simbólico, dom de saber/fazer, que não cabe discutir e, ou promover efetivas ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As artesãs de Limpo Grande, principal polo produtor da Rede Cuiabana no contexto da região do vale do rio Cuiabá, que resistem em resguardar seu modo de tecer, sentadas no chão e/ou em um banquinho, junto ao tear e demais apetrechos, compõem uma simbologia secular de criatividade artesanal transmitida de geração em geração, baseada na observação e na prática no âmbito familiar. Prática esta que perdura historicamente, sem perder a originalidade, a qualidade e a singularidade no processo do fazer.

¹⁵ CAMPO, 2006.

¹⁶ CANCLINI, 1997: 160.

A dificuldade de acesso à comunidade, ainda hoje por precárias vias de acesso, afasta o consumidor/turista, prevalecendo, assim, a vinculação assimétrica do produtor com os diferentes intermediários no processo de confecção e comercialização do produto. No que se refere à possibilidade de visita turística, outro entrave relevante a ser considerado é a total falta de sinalização turística e ausência total de informações específicas que deveriam estar divulgadas junto ao trade turístico na área metropolitana de Cuiabá e Várzea Grande.

Em decorrência dos entraves enfrentados para realização do processo produtivo, as artesãs criaram subjetividades que (re)produziram em táticas internas de enfrentamento para a permanência dessa prática cultural peculiar, transformando a rede cuiabana de peça utilitária em adereço estético voltado ao turismo, com a inserção de detalhes da fauna e flora mato-grossense tornando-a mais florida e colorida, assim como a produção de xales, tapetes e caminhos de mesa.

Finalmente, sabendo-se que o artesanato faz parte da cultura e que esta é um dos componentes mais significativos para o desenvolvimento do turismo cultural/patrimonial, há que se pensar em inserir a produção da Rede Cuiabana em um programa de economia criativa, baseada no capital cultural do saber/fazer da comunidade de Limpo Grande para o seu desenvolvimento e contribuição para a valorização e preservação do saber/fazer desse objeto representativo na identidade e cultura mato-grossense.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, Zuleika A. (2018) — *Mapa das Redeiras da Comunidade de Limpo Grande. Projeto Cartografias Culturais dos Municípios do Vale do Rio Cuiabá*. NPGA – Instituto Federal de Mato Grosso.
- BAUDRILLARD, Jean (2000) — *O Sistema dos Objetos*. Edição Semiologia. São Paulo: Ed. Perspectiva S. A., p. 81-114.
- CAMPO, Maria Lúcia Coradini (2006) — *A paisagem simbólica de Bonsucesso e Limpo Grande, Várzea Grande – MT*. Dissertação de mestrado, Departamento de Geografia, UFMT, Cuiabá, 185 p.
- CANCLINI, Néstor Garcia (1997) — *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp.
- CERTEAU, Michel de (1994) — *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, Cotidiano.
- HOLANDA, Sérgio Buarque (2008) — *Caminhos e Fronteiras*. 3.^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, p. 245-264.
- LEONZO, Nanci (2004) — *Pão e pano ou prato e trato um ensaio sobre a casa mato-grossense*. *Rev. Territórios e Fronteiras – Prog. de Pós-graduação em História*. UFMT, vol. 5, n.º 1, jan/jun., p. 255-272.
- PALMA, Lúcia C. (1996) — *Rede de dormir: algumas abordagens interpretativas na semiótica da cultura*. Cuiabá: Especialização Instituto de linguagens. UFMT.
- SILVA, Verone C. (2001) — *Missão, Aldeamento e Cidade. Os Guaná entre Albuquerque e Cuiabá (1819-1901)*. Dissertação (mestrado) Cuiabá: ICHS/UFMT.
- SOUZA, Laurence Lopes (2018) — *(Des)construindo as tramas invisíveis do modo de saber-fazer a Rede Cuiabana – Comunidade de Limpo Grande – MT*. Trabalho de Conclusão de Curso de bacharelado em Turismo. Cuiabá: IFMT.

